

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Segredo de polichinelo

Como se viu pelo resultado da perícia da Unicamp, que constatou a existência de 18 situações pelas quais pode ser quebrada a inviolabilidade dos votos contabilizados via painel eletrônico no Senado, o conteúdo das posições dos senadores nas votações ditas secretas são, na realidade, segredos de polichinelo.

Feita a constatação, há agora dois caminhos: ou se reformula totalmente o sistema para garantir o sigilo ou se extingue de uma vez por todas essa distorção, que é o voto secreto em plenário, de quem tem delegação popular para manifestar opinião e mandato protegido pela imunidade parlamentar, cujo sentido seria perfeito se limitado à proteção da voz e do voto.

Na Câmara, o sistema, pelo que dizem os especialistas, é seguro. Mas, ainda assim, o deputado José Genoíno (PT-SP) apresentou nesta semana a proposta do fim do voto secreto nas duas casas, o que é absolutamente oportuno desde que o assunto não tenha o destino dos temas que vão para o arquivo da memória coletiva assim que os motivos que provocaram a discussão saiam da imprensa.

São duas as situações em que se recorre ao expediente: em sessões de votações de vetos presidenciais e cassação de mandatos parlamentares. Ora, não faz sentido esconder o voto de um parlamentar em nenhum dos dois casos. No primeiro, porque significa corroborar a continuidade de uma relação submissa no Legislativo frente ao Executivo. No segundo caso, o que se avaliza com a manutenção do voto secreto é o corporativismo, o compadrio.

Se o compromisso do parlamentar é com aquele que lhe deu delegação para exercer o mandato, se é ao eleitorado que ele deve satisfação, não há outra forma de garantir isso a não ser pelo voto aberto.

Mas, ainda que admitamos que por qualquer razão a posição defendida por Genoíno, e certamente vários outros, não venha a prevalecer, inadmissível mesmo é a convivência com o que, descobriu-se agora, ocorria no Senado. Os peritos da Unicamp acabaram revelando ao país que o voto ali só era secreto para a sociedade. Quem quisesse poderia com facilidade não apenas obter o conteúdo, mas mudar a natureza dos votos.

Ainda não se ouviu até agora o questionamento sobre os responsáveis pela instalação de um sistema tão absolutamente falho, que autoriza a suspeição de que tenha sido feito exatamente para assegurar que pudesse ser violado. Não é possível que quem fez a escolha do programa não tenha se interessado por garantir sua eficiência. A menos que a eficácia de um painel eletrônico com 18 portas de entrada à fraude residisse – na concepção de quem aprovou – exatamente no fato de não ser inviolável.

Mesmo que a filosofia do sigilo não seja correta era, e é, esta a regra em vigor. A descoberta de que não havia instrumentos para que fosse observada faz de tolos todos os que ignoravam isso. Alguns poucos – oxalá tenham sido poucos – sabiam que o caminho das pedras era livre, e aos outros sobrou a alternativa de se indignar e surpreender com uma inutilidade pois, na prática, não havia voto secreto no Senado.

Nesse aspecto, trata-se de um exagero condenar o senador Antonio Carlos Magalhães por ele dizer aos procuradores que sabia como votou cada um na cassação de Luiz Estevão. Pela lei das probabilidades, não foi o único nem pode ser restrita àquela sessão a suspeita de que a regra desse jogo no Senado só vale para quem ignora o caminho da infração.

Mais em cima

Voz experimentadíssima na política e militante nas artes da prudência – às vezes extrema – tem certeza absoluta de que só existe uma força neste mundo capaz de refrear o ímpeto do senador Antonio Carlos Magalhães. E esta força não pertence a político algum, nem ao presidente da República.

Na avaliação da voz, a escalada de ACM só termina onde tudo começou: na divulgação da entrevista de Nicéa Pitta, no início do ano passado, fazendo acusações a ele sem direito a aviso prévio. Foi a partir dali que a disposição de guerra contra tudo e contra todos se instalou de vez na alma do senador. E nosso experimentado analista da cena acredita que apenas sinais despachados daquela mesma área são capazes de produzir a paz.